

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

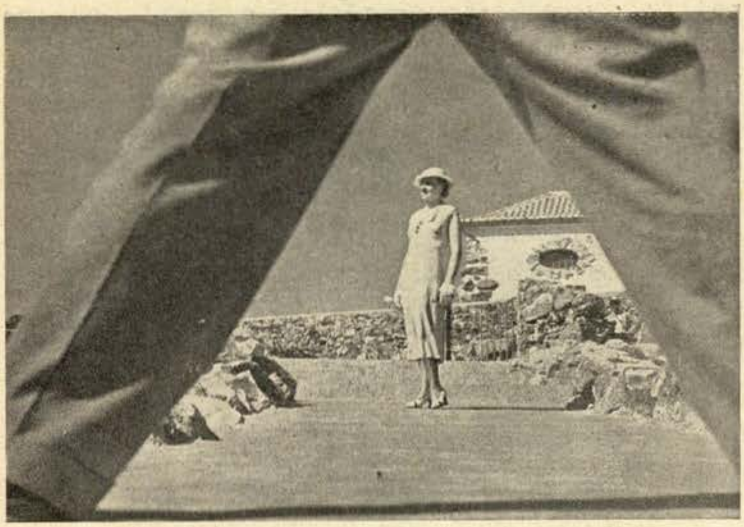
Nº 14 • 1$50



BEATRIZ, VEDETA DA «CANÇÃO DE LISBOA»

A simpática e desenvolta estrêla do nosso teatro de revista não é uma novata em coisas de cinema. Há três anos foi ela já a protagonista de «A minha noite de núpcias», onde infelizmente não a souberam aproveitar, dando à sua personagem o relêvo que merecia. Não duvidamos que, agora, em «Canção de Lisboa», vá Beatriz Costa confirmar, plenamente as suas reais possibilidades como actriz de cinema. A' gentil Beatriz agradecemos a amável dedicatória que escreveu para *Animatógrafo*

O GOSTO FOTOGRAFICO DE Heinrich Gärtner



tos que êle não utiliza de imprevisto. E' que uma vedeta, já categorizada, não pode ser exibida ao público, seja qual fôr o processo de exibição, sem um complicado ritual.

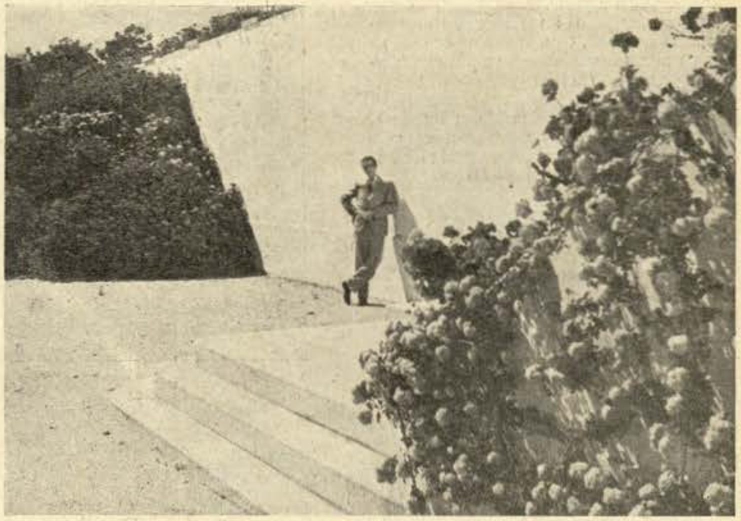
Gärtner também gosta de ser fotografado por si mesmo. Mas é raro ter tempo para pensar nisso. Quando vem a propósito, quando Gärtner sente que vale a pena, prepara a máquina, prepara-se a êle próprio. entrega a Leica a um amigo e diz-lhe: vá, dispare!

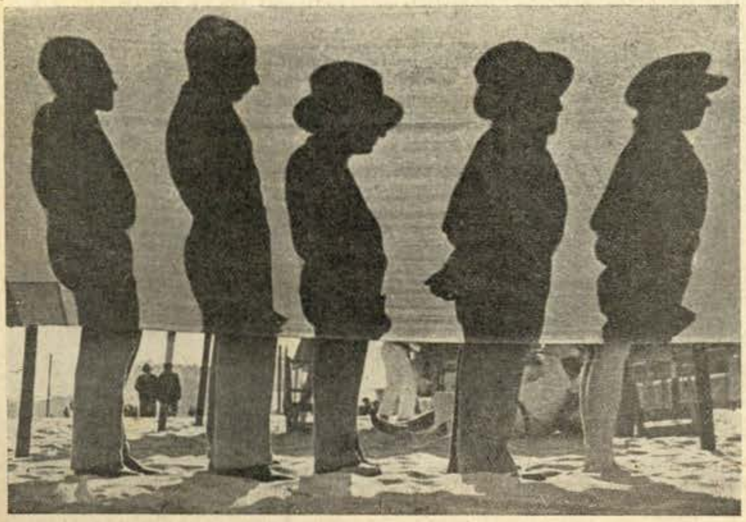
Gärtner não é um visionário dominado por uma obsessão. Nada há de

São famosos os enquadramentos fotográficos de Gärtner. Ninguém como êle tem a noção do ambiente completo, do quadro repousante, sem lacunas, onde os olhos não tentam evadir-se.

De vez em quando, Gärtner diverte-se a fazer bilhetes postais ilustrados para uso particular. Prepara a sua Leica e fotografa os amigos, sem lhes dizer água vai.

Olly Gebauer merece-lhe sempre especiais atenções como motivo decorativo para os seus bilhetes postais. E' talvez ela o único modêlo das suas fo-





espiritual ou de pseudo-literário em Gärtner. As imagens, as luzes, a fotografia, o cinema, enfim, não têm para êle a minima importância. Ele é que tem importância. Quando Gärtner toma posse da sua máquina não é Gärtner que entra no seu elemento. A máquina é que entra. O sorriso de Gärtner dá ordens às máquinas. E elas, que já sabem que Gärtner não as desampara, passeiam os seus olhos de ângulo para ângulo, filtrando apenas as imágens que Gärtner transmite à pelicula por um estranho processo de teleimpressão.

AS VEDETAS DA TELA

TAMBÉM SÃO SUPERSTICIOSAS

CURIOSAS REVELAÇÕES

por GUEDES DE AMORIM



Robert Montgomery, não foge à regra faz sinais cabalisticos no banho...

Conta-se que Clara Bow, essa mulher tentadora que teve os olhos do mundo suspensos das suas pernas, falando, certa noite, com alguns amigos sobre superstições, disse, com marcada indiferença, que, na senda cinematografica, ou se vence pela força do trabalho e da persistencia, ou nunca se consegue dar um passo em frente com o auxilio supersticioso de um amuleto, de uma reza, de uma *mascotte*. Alguem, um seu camarada por certo, respondeu-lhe o seguinte: «Talvez um dia, Clara, você pague bem caro o arrojo dessa sua afirmação». O tempo rodou. Enquanto novos «astros» e novas «estrelas» constelavam o firmamento do cinema americano, a famosa Clara Bow, por motivos explicaveis e de-certo mui diversos, entrava no declinio, apagando-se o seu fulgor para os cinéfilos do universo.

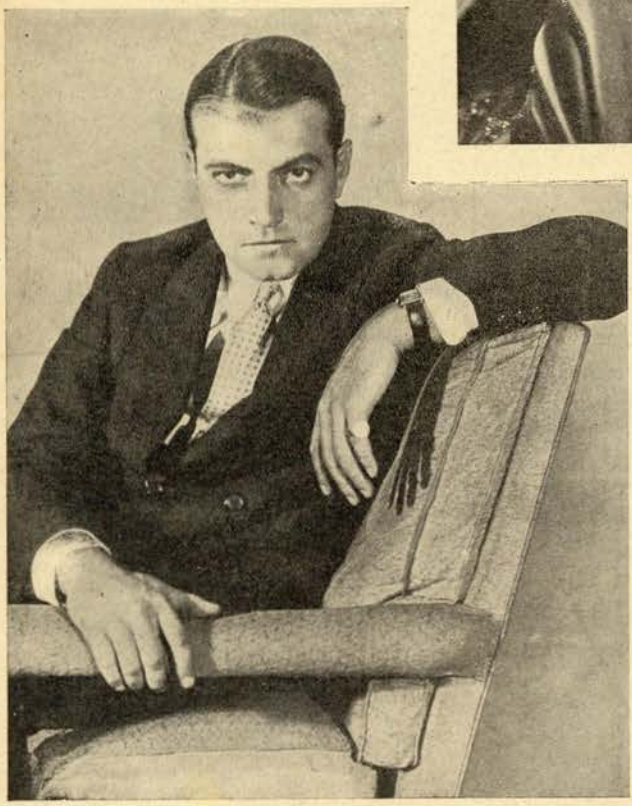
Foi dessa ocasião para cá que principiou a grassar em Hollywood, com a força de uma terrivel epidemia, o delirante costume das superstições. Todos, sem excepção, desde os «extras» até aos nomes melhor cotados, atribuiam a derrota de Clarinha ao seu negativismo, ao seu desdem pelos amuletos. E, para evitarem a sua própria derrota, ei-los, em tropel, batendo lojecas de antiquários, rondando cemitérios, visitando casas de bruxas, em suma, procurando amuletos por toda a parte.

Fracos ou fortes, os imperadores e imperatrizes de Hollywood, têm, hoje, na sua maior parte, uma interminavel série de antidotos contra a desgraça, os maus amigos, e o mau olhado...

Naturalmente, que uma das ideias que mais atormentam os herois hollywoodenses, como é bem natural, é a incerteza da chegada da hora da morte. Dois existem, ali, contudo, que estão convencidos que tudo poderão legalizar antes dêsse terrivel momento: Marion Davies supõe firmemente que perderá o seu seio direito dez minutos antes de morrer. E Frank Alberton afirma que morrerá no dia 7 de não sabe que mês, das nove ás dez da noite, e, por sugestão e por treino, em todos os dias sete deita-se muito cêdo, disposto a tudo quanto possa acontecer...



Como precaução contra a acção dos inimigos, ha alguns que recorrem a processos singularissimos: Adolfo Menjou, das oito ás nove da manhã, verte, ou faz que vertam, um jarro de água á entrada de sua casa. Diz que dêste modo nenhuma visita impertinente entrará nas salas da sua vivenda. Robert Montgmery, ao banhar-se todas as manhãs, faz sobre as costas determinado sinal, para se livrar de traidores. E a encantadora Joan Crawford, quando pretende conquistar a amizade de alguem, lança-lhe dissimuladamente alguns grãos de sal, o que nunca falta no seu *sac à main*.



Se querem saber o objecto de superstição de Clara Bow leiam êste artigo... Richard Barthelmess o inolvidavel intérprete da «Patrulha da Alvorada», também é supersticioso.

Pobres e debeis caminheiros do nosso tempo. A quantos e quantos ridiculos se não sujeitam êstes para que o seu caminho seja sempre igual!... Sabe se, e afirma se, que Norma Shearer toma em cada uma das suas refeições três gotas de iodo, porque só assim permanece convencida de que não se alterará a côr dos seus cabelos. Richard Barthelmess cultiva trêvos de quatro fôlhas, e quando se deixa arrastar por qualquer aventura, encerra no bolso da mulher preferida, com arte e com descaramento tambem, um dêsses exemplares, que considera como um cheque de felicidade absoluta.

E fechamos com os nomes de Greta Garbo e de Marlene Dietrich: a primeira, tem calos nas palmas das mãos, por tanto as esfregar num idolo etrusco, que lhe faz companhia ha aproximadamente seis anos; e a deliciosa Marlene, a caluniada de homosexualismo, usa para dormir só pijamas masculinos, como segura precaução contra o que lhe possa suceder durante a noite...

Dêste modo se prova que muitos cegos existem em Hollywood.

Os reflectores da Metro, da Paramount, da Fox, emfim, de todas as emprezas, deslumbram até ao delirio... E atrás do deslumbramento, panoramica lantejoilante de sonhos, vem a noite intrigante da superstição que é a cegueira do mundo inteiro.

GUEDES DE AMORIM

PLANO GERAL

Um filme ou uma novela?

Sherwood Anderson, um dos mais curiosos e típicos novelistas americanos, escreveu ha tempo — o tempo indispensável para que a sua opinião chegasse a Portugal — que hoje «o que mais convém à América é um grande filme e não uma grande novela».

O mesmo se pode dizer de todos os paizes, e em verdade qualquer crítico da Europa de hoje deve e pode afirmar o mesmo. Uma novela, mesmo a de um autor de sucesso, pode atingir o máximo uns milhares de pessoas. Um filme em uma potencialidade de influência muito maior, podendo atingir fàcilmente 115.000.000 de indivíduos, que é o algarismo representativo dos espectadores de todas as salas mundiais.

E' certo que uma novela profundamente humana e superiormente concebida solicita uma atenção muito mais prolongada e muito mais firme que um filme, por melhor que este seja realizado e por mais interessante que seja o seu motivo, mas a verdade é que não ha dúvida que, por outro lado, o poder de persuasão de um filme atinge uma espécie de indivíduos cuja incolor formação mental não opõe nenhuma resistência à dialética do realizador, que consegue formar mais do que adeptos ao seu ponto de vista, mas verdadeiros crentes, no sentido religioso da palavra.

Se o cinema tivesse sido inventado antes da imprensa, a superioridade do ensino visual sôbre o ensino livresco teria decerto modificado profundamente a essência do gigantesco edifício da cultura moderna. Sem dúvida, ainda estamos a tempo de transformar o caracter da nossa civilisação e a influência de uns paizes sôbre os outros e para isso nos basta apenas utilisar a poderosa sugestão que o cinema exerce.

Nesta ordem de ideias um grande filme é, sem discrepância, superior a uma grande novela. A propaganda pelo livro tem inúmeros defeitos. Por causa dela se podem observar tantas ideias feitas e falsas, decalcadas umas sôbre as outras, sem nenhuma conexão com a realidade.

Nestas considerações se inspira a primeira tentativa feita no Japão para substituir o livro pelo filme: inicial empreendimento para fazer a propaganda ou exposição duma tese com auxilio do cinema. Este género de filmes, que os japonezes denominam «eiga-rombun», são o que nós poderemos chamar filmes de propaganda e tese.

O primeiro filme de propaganda e tese projectado até agora, intitula-se a «Educação pelo Cinema» e obteve no Japão um tal êxito pela sua concepção original que tem sido recebido em toda a parte com o mais vivo interesse e admiração.

Também, se o cinema se tivesse antecipado à imprensa, poderiamos contar hoje com uma elite de indivíduos cuja agilidade mental lhes proporcionaria uma fácil compreensão imediata de todos os problemas.

Entretanto o cinema é já neste momento uma mística poderosa e eficiente; como tal devemos utilisá-lo e considerá-lo.

F. ALVES DE AZEVEDO

12 Vamps

Nos anuncios de uma revista que o Politeama brevemente vai pôr em cena aparece uma cómica e deploravel referencia a um numeroso grupo de «12 Vamps» que, a acreditar nas afirmações do empresario anunciante, devem atrair ao teatro uma igualmente numerosa assistência.

Sem falar na lamentavel falta de coerencia que existe nas classificadas *girls* que surgem, mesmo sem dar por tal, metamorfoseadas em *vamps*, é urgente salientar que a palavra *vamp* não tem um sentido pejorativo e que não é indecencia nenhuma com que se possa apimentar uma revista.

Tests cinematográficos

Por iniciativa do «Cercle parisien de la Ligue de l'Enseignement», e de acôrdo com a «direction générale de l'Enseignement technique» e a «Direction de l'Enseignement primaire de la Seine», há três anos que se está realisando uma tentativa de orientação profissional pelo cinema a todas as crianças do departamento do Sena, que acabam a escola primária.

Todas as crianças são levadas à Liga do Ensino onde se realisam os *Tests*. A sessão começa habitualmente por uma palestra em que se procura pôr em relêvo a importância da decisão que os jóvens estudantes vão tomar ao saír da escola. Mostra-se lhes a necessidade que têm de aprender uma profissão qualificada, fazendo-lhes resaltar a diferença que existe entre um trabalhador e um mecânico e salvaguardando-os das profissões que não exigem conhecimentos especiais e bem remunerados. Expõe-se-lhes os perigos de ordem física a que sujeita o exercício de certas profissões, etc.

Depois destas palestras, projectam-se sucessivamente dois filmes de orientação profissional, um filme documentário e um filme cómico. Os três primeiros são comentados e os dois outros acompanhados de algumas considerações gerais sôbre a profissão e as aptidões físicas que exigem.

Espectadores ignorantes

Pessôas que uma educação negativa não permite conceber o que seja um espectáculo e a compostura que se deve adoptar quando se assista à exibição dum filme, falam entre si e de tal modo, que prejudicam os outros espectadores mais atentos. Convém recordar que hoje o cinema merece a mesma atenção que o teatro e por conseqüência o mesmo refletido silêncio porque se trata com efeito de uma «função» em que os actores falam para dizer alguma coisa, e que há sons que o grulhar de meia dúzia de pessôas prejudicam consideravelmente.

E' certo que os espectadores irrefletidos que usam habitualmente dessa atitude, ignoram geralmente as línguas em que são falados os filmes — o que lhes permite um à vontade absoluto. Lá estão as legendas sintéticas para explicar a acção.

A êstes indivíduos devemos lembrar que as palestras são para casa e não para a sala de espectáculos, que pode dar-se a circunstância de ao lado dessas pessôas fluentes estar p r e cisamente sentado um espectador que compreenda perfeitamente a língua em que o filme é falado e que está no seu direito de querer os diálogos completos e sem que o incomodem, obrigando-o a escutar conversas ineptas.

Panorâmica

Um problema

Discutem os tecnicos do cinema se um grande filme muito dispendioso dá melhor ensejo ao desenvolvimento e demonstração das aptidões individuais do realizador que um filme, embora da mesma metragem, mas evidentemente menos caro e em que a imaginação do realizador tem de suprir todas as exigencias do espectador exigente.

Parece-nos que uma obra de arte é aquilo que menos substancia exterior ao artista tiver. O realizador que, quasi só com recursos próprios, consegue um grande filme é decerto melhor artista que um outro que fôr auxiliado nessa tarefa por uma aparelhagem complicada e a pesada contribuição de um forte capital.

A arte não é necessariamente uma consequência do gosto.

G. W. Pasbst quando fez «A Tragédia da Mina» contava certamente com um capital muito menor que quando realisou o «D. Quixote», e entretanto se este ultimo é uma obra prima «A Tragédia da Mina» tambem não pode deixar de merecer semelhante classificação.

D. Quixote

As aventuras de D. Quixote que ainda ha pouco tivemos o praser de ver na versão cinematografica de G. W. Pabst acabaram agora de sofrer nova modificação, bastante mais profunda.

No teatrinho de marionettes do Jardim de Luxemburgo de Paris foi ha pouco dado em grande função o espectaculo para crianças da celebre obra de Cervantes.

As cenas de um cómico irresistivel resultam felicissimas mercê da circunstancia de que tudo no teatro popular de marionettes acaba em pancadaria. E de tal forma, que até a propria duquesa, que Arlette Marchal fez com tanto interesse, leva para o seu tabaco.

O espectaculo falhou entretanto para as crianças, que não acharam grande piada.

E apenas os senadores e os poetas que se apresentaram em grande abundancia, apreciaram devidamente a pantomima.

Central

Após uma brilhante temporada de inverno sob a direcção da Agência Cinematográfica H. da Costa Ltd.ª, êste simpático cinema inaugurou a época de verão com «O Exilado», sob os auspícios da sua antiga emprêsa.

Em Outubro a Agência Cinematográfica H. da Costa retomará a direcção do Central e o seu fornecimento exclusivo de programas. A reputada casa alugadora reserva, segundo consta, os seus melhores filmes para a tela do salão da Praça dos Restauradores, a principiar por «Gado Bravo» e a restante produção portuguesa do Bloco H. da Costa. Os freqüentadores do Central têm uma bela época em perspectiva.

a l f a m a

do filme de Almeida e Sá



«Alfama» a peça de António Botto, o poeta admirável das «Canções», ultimamente apresentada no cartaz de S. Carlos pela actriz Ilda Stichini, é a melhor revelação do teatro português contemporâneo. Frizo grego pelo equilíbrio e pela harmonia de todos os seus personagens é, ao mesmo tempo, tão profundamente humana no seu relêvo e recorte que a sua essência é a própria vida de que ela pretende ser intérprete.

«Alfama» que os críticos tentaram analizar á luz débil de um critério estreito e pretencioso, não podia ser senão o que é: a análise finamente nuançada dos sentimentos mais exactos nas pessoas mais vulgares. Que os personagens de António Botto são de tal modo verdadeiros que chegamos a esquecer-nos de que cada um deles tem um valor simbólico, afigurando-se-nos que já os conhecemos muito bem e há imenso tempo.

A perspectiva dramática de António Botto onde se projectam assim todos os seus sentimentos e emoções transfigura-os e idealiza-os reduzindo-os á sua forma essencial — Platão diria á sua idea ou forma tipo — mas nunca em detrimento da verdade artística, porque esta é a vida intensa que dimana de tôda a obra.

O conflito da impossível libertação da mulher, sem a despedaçar por completo da armadura de preconceitos que a manietam, é dado nesta peça com uma segurança e uma nitidez verdadeiramente impressionante. A compostura masculina em presença da ansiedade feminina que se debate em toda a obra é rigorosamente exacta, e, de tal modo marcada, que dela resulta o valor principal do conflito. António Botto consegue como dramaturgo uma coisa rara e admirável: iniciar em Portugal uma nova técnica — e sem que jámais possamos discortinar as mais leves influências do teatro francês ou inglês. O seu método surpreendente, e que é ao mesmo tempo, e na verdade, uma notável «reussite» consiste sómente na notação mais perfeita do que na vida, de facto, vale a pena ser vivido. A sua técnica de uma propozitada simplicidade coloca o dramatugo numa difícil posição; e, entretanto, António Botto, persuade tão calmamente e com uma tal fôrça, que não há seticismo mais fechado, indiferença melhor alicerçada que não seja empolgada pelo prestígio da sua dialética preciosa que é, afinal, apenas, a justa e luminosa evidenciação de tudo o que tôda a gente devia ver e sentir. E tanto assim que António Botto na sua peça parece afirmar apenas:

«Vêde como a vida é feita. Aprendei dela o que melhor vos aprouver, mas, notai sempre que as reacções são complicadas, embora simples á primeira vista». Mas tudo isto é dado com uma frescura de colorido, uma lucidez de diálogo que nos deixaram definitivamente encantados.

Já há muito que o nosso espírito crítico anseava por um teatro português verdadeiramente «português» e verdadeiramente teatro.

A música a justificar a acção é uma engenhosa «trouvaille», e os versos que á guitarra alguém cantou são do relêvo e recorte dos do grande poeta que António Botto é.

Lançada no molde clássico dos três actos, a peça de António Botto é das raras que não sofrem desse espartilhar excessivo ou dessa difusão inevitável. Os três actos de «Alfama» são tão indispensaveis ao equilíbrio do conjunto que se nos afiguram uma necessidade de ordem artística e nunca uma condição de natureza técnica.

A peça de António Botto poderá, talvez, ser acusada de demasiadamente sintética ou excessivamente crítica. A nós, entretanto, afigura-se-nos que é essa a sua principal virtude e a sua maior originalidade. Com efeito, a serenidade crítica com que todo o problema psicológico e moral é resolvido, longe de entravar o ritmo da obra, engrandece-a, dando-lhe uma perfeita nitidez de estudo, e a límpida firmeza de um documento. António Botto, o poeta admirável das «Canções», o autor dêsse poema dramático interessantíssimo que é o «António», cujo nome muito justamente foi lembrado para o Prémio Nobel, aumentou com esta nova faceta do seu inegável talento o direito que lhe assiste a semelhante consagração.

F. ALVES DE AZEVEDO

à peça de António Botto



GRETA GARBO FALOU!

As primeiras confidências da «vamp» suéca ao voltar aos Estados Unidos

por BRUCE STONE



Há alguns anos, logo após o advento do sonoro, os jornais anunciaram: «Greta Garbo vai falar».

«Greta Garbo está desejosa por falar, afirmaram recentemente os reporters, quando a *vamp* voltou da sua viagem à Europa e lhes caíu nos braços, no porto de San Diego. Greta Garbo resolvera quebrar de vez, o seu silêncio, o seu segrêdo, o seu «mistério».

Os representantes da imprensa, os fotógrafos e os operadores estavam admirados com o visível tensão nervosa de Greta Garbo.

Estava em frente dêles a famosa esfinge suéca que fizera a sua viagem ao Velho Continente o mais disfarçada possível e que aí fugira dos jornalistas de toda a Europa, e agora voltava da Suécia para a América, descendo pacatamente do «Annie Johnson» o barco que tivera a «honra» de transportá-la. Pela primeira vez desde há muito tempo, as máquinas fotográficas funcionaram em perfeita liberdade e com absoluto conhecimento de Greta Garbo e também com sua inteira autorização.

O inesperado acontecera. O seu regresso da Suécia tinha sido afirmado e negado ao mesmo tempo; nada se sabia ao certo. Ninguém em Hollywood podia afirmar com segurança que Greta Garbo estava de regresso. O seu próprio «manager» Harry Eddinston não se achava apto a declarar se ela se encontrava ou não a bordo do *Annie Johnson*.

Os reporteres de Nova York, depois de a terem procurado, tiveram de voltar pelo mesmo caminho sem terem conseguido encontrá-la. Toda a gente supunha que Greta Garbo conseguira escapar-se aos jornalistas uma vez mais. E afinal Greta foi, depois, muito gentil para com os reporteres; nem mesmo usava óculos pretos...

A-pesar da cortesia de Greta Garbo, os jornalistas tiveram imenso trabalho para conseguirem falar lhe, tão modestamente estava vestida que era difícil reconhecê la.

Um fato cinzento absolutamente vulgar e um chapéu escuro desabado sôbre os olhos.

Miss Garbo pode dar-nos um momento de atenção, ?—começou um dos nossos mais audaciosos camaradas, quando a estrêla acabava justamente de desembarcar.

«Isso é que é muito difícil, aqui nêste momento», respondeu Greta Garbo, sorrindo.

«Não quere dizer-nos nada? Nem ao menos que está satisfeita em voltar?

«Sinto-me muito feliz por voltar a Hollywood. O sol brilha aqui como em nenhum outro país do mundo!... Claro que estou encantada em regressar!»

«E quanto tempo fica na América?

Nervosamente, atropelando as palavras e sentindo o caminho arriscado que a conversa tomava, Greta Garbo respondeu: «Ninguém sabe o que o tempo nos reserva».

Nêste meio tempo, um fotógrafo que notara a esterilidade em que a conversa caía, suplica: «Miss Garbo, suba para o seu carro, e acenando-nos com a mão, dê-nos um dos seus melhores sorrisos».

Ela obedeceu e levantando a mão, esboçou um leve sorriso.

Pouco depois desapareceu dentro da sua limousine, na qual a esperava Mrs. Salka Viertel, esposa do realisador Berthol Viertel.

E assim a multidão de admiradores que esperava na doca socegadamente o seu ídolo, ficou roubada...

Quem é êste jóvem para quem Greta Garbo sorriu e acenou tão significativamente?

As investigações provaram que se tratava de Ture Steen, um jóvem de vinte e quatro anos, filho de pai sueco e de mãe americana, Mrs. Elisabeth Steen.

«Ture, vem cá, chamou Mrs. Steen, assim que um jornalista iniciou uma conversa mais estreita com o rapaz Ele despediu-se apressadamente pedindo para que o seu nome não fôssse mencionado. Esse pedido prova, sem dúvida, que se trata de uma pessôa ingénua...

«Miss Garbo é uma personalidade muito interessante, diz nos Mr. Steen.

«Acho Miss Garbo muito simples, justamente o contrário do que nos jornais tem afirmado. Uma perfeita camarada. E' uma pessôa interessantíssima.

«Não, na verdade, não vim a Hollywood para visitar miss Garbo. De resto Miss Garbo e eu falámos sempre durante a viagem de coisas vulgares.

«Ture, vem cá, chamou mais uma vez Mrs. Steen, imperiosamente.

Uma multidão de barquinhos esperava o «Annie Jonson» antes dêle entrar no porto imaginando que Greta Garbo desembarcaria antes de aquêle atracar; soube-se mais tarde que o pedido do capitão Holmberg, para desembarcar Greta antes da quarentena obrigatória, fôra recusado.

Os representantes da imprensa que aceitaram a primeira versão, estiveram mesmo em Point Loura, enquanto outros passeavam em gasolinas.

Alguns aventaram já a hipótese de que à imprensa seria imposto o regimen do silêncio habitual a Greta Garbo.

Mal podiam imaginar que a estrêla que conseguira escapar sempre incolume a todos os jornalistas do novo e do velho mundo, se ia tornar de um momento para o outro tão simpática e expansiva.

Greta Garbo está realmente bastante mudada. Aceitou até sem grande relutância, o disparar de todas as câmaras fotográficas.

Os passageiros do «Annie Johnson» e o capitão Holmberg deram-nos os detalhes que nos interessavam.

«Greta Garbo odeia a multidão» disse-nos o capitão Holmberg. Desde Gathenchurg que Greta Garbo parece felicíssima. Entretanto ontem começou a dar provas de nervosismo e eu apostava em como ela começava a recear a vossa recepção. Posso assegurar-vos que aquêle seu estado não era fingido.

«Provavelmente fui das pessôas que ela menos procurou durante a travessia.

«Nunca pediu favores especiais e era o melhor passageiro que tinha a bordo.

«Algumas vezes visitava a nossa mesa no salão. Tinha autorisação para ir à ponte do comando, mas nunca lá foi. Durante a viagem desembarcou em Puerto Colombia, Cartagena e Punta Arenas. No Panamá deu um passeio a cavalo com o capitão do porto, Stevenson.

(Conclui na página 17)

NOVOS INSCRITOS NO D. S. I. VÃO APARECER POR INTERMEDIO DE Animatógrafo em Gado Bravo

Já está a funcionar o Serviço Volante

O interêsse justamente suscitado em tôrno da mais recente das iniciativas de «Animatógrafo» — o Departamento de Selecção de Intérpretes para os filmes da produção do Bloco H. da Costa que a nossa revista foi incumbida de organizar — mantem-se como na primeira hora, interessando vivamente os nossos leitores de ambos os sexos, que têm acorrido e continuam afluindo ás respectivas sédes dos serviços de inscrição com extraordinária freqüência, aumentando diáriamente o já elevado número de inscritos no D. S. I.

E' que todos sabem que essa organização foi lançada em bases absolutamente sérias, garantia segura — justificando-o bem — do êxito que essa interessante e valiosa iniciativa que é o D. S. I. logrou alcançar entre o público sempre crescente dos que lêem «Animatógrafo».

Temos dito e voltamos hoje a repeti-lo. E' do Departamento de Selecção de Intérpretes que sairão todos os intérpretes da futura produção do Bloco H. da Costa. Até mesmo para «Gado Bravo», agora em plena realização no Ribatejo, e que é o primeiro produzido pelo Bloco, serão chamados vários dos inscritos no D. S. I. para nêle colaborarem, tanto homens como senhoras tambem.



António Fontoura

No nosso número passado, ao publicármos a fotografia de Eduardo de Lacerda e Melo, o primeiro concorrente que, dentre os submetidos á apreciação dos realizadores Max Nosseck e António Lopes Ribeiro, fôra por êstes escolhido para interpretar um segundo papel de «Gado Bravo», dissémos que Lacerda e Melo não seria o único dos inscritos no D. S. I. que tomaria parte já em «Gado Bravo».

Assim é, de facto.

Já hoje podemos juntar aquêle primeiro seleccionado mais o nome de três novos inscritos que foram escolhidos para actuar em «Gado Bravo». São êles Anna Marie Woetschill, uma bela figura de rapariga, cuja frescura e graça desenvolta a tornam um elemento devéras agradável dentro dum filme, e



Anna Marie Woetschill

António Fontoura e Joaquim Abélho, cujos tipos interessaram bastante os dois realizadores de «Gado Bravo».

Além dêstes, outros concorrentes irão sendo escolhidos à medida que se forem inscrevendo, para o que as respectivas fotografias irão sendo submetidas à apreciação das entidades competentes—os realizadores Max Nosseck e António Lopes Ribeiro.

Precisamente por isso, e se não desejam perder a oportunidade de entrar num filme, não devem, pois, deixar para mais tarde a sua inscrição no Departamento de Selecção de Intérpretes a cargo de «Animatógrafo».

Inscrevam-se por conseqüência o mais depressa possível.

Para isso os serviços do «Casting Bureau», que o chefe de redacção de «Animatógrafo», dr. Felix Ribeiro, dirige, estão abertos nos seguintes dias: SENHORAS—Ás 2.as e 4.as feiras, das 15 ás 18 horas na Secção Feminina do A. B. C. — 69, Rua do Alecrim.

HOMENS — Ás 3.as e 5.as das 16 ás 19 horas. na redacção de «Animatógrafo». — 61, Rua do Alecrim.

O preço da inscrição — 5$00 — dá direito, além da possibilidade da estreia no cinema, a um retrato formato de bilhete postal, igual ao que fica arquivado, e a uma assinatura de «Animatógrafo» durante um mez, ou sejam quatro numeros. Os assinantes de «Animatógrafo» não pagam a importância da inscrição, ficando no entanto com os mesmos direitos e vantagens dos outros.

Os leitores da província que queiram fazer a sua inscrição no D. S. I., não têm mais que nos mandar uma carta, trazendo incluso um sêlo de 40 ctvs. para a respectiva resposta, endereçada ao Departamento de Selecção de Intérpretes — «Animatógrafo», 65, Rua do Alecrim, Lisboa.

*

* *

Como se sabe, associados ao serviço fixo do D. S. I. existe um outro serviço volante dirigido pelo nosso camarada Olavo d'Eça Leal, que começou já a funcionar, tendo sido inscritas por êsse meio grande número de pessoas, algumas das quais terão também possívelmente no proximo número a sua fotografia publicada nas páginas de «Animatógrafo».



Joaquim Abélho

Idílio

Ao meu amigo
FELIX RIBEIRO



Phillps Holmes e Anita Page

Por mais que a gente queira
Fugir a essa atitude
Do abraço e do beijinho —
Na mulher
Que nos prendeu,
Não é fácil, não é fácil...
E aos olhos do vulgo,
Insensivelmente,
— E eu falo por mim,
Cahimos no beijo,
Descaradíssimo, longo,
— Num portal ou num jardim.

Sentemo-nos aqui, diz ela, —
Depois de andar na alameda
Agarrada ao nosso braço.
Estou cansada, acredita;
— Falemos do nosso amôr
Nesta luz que vai fugindo
Lentamente para longe
Envolvendo as côres e a vida
Na penumbra do sol-pôr.

E as bôcas dizem palavras.
Cai junto dela — trazida
Pela aragem,
— Uma pétala de flôr.

Procuro vê-la nos olhos.
Procuro vêr a certeza
Que as suas mãos esboçaram
Apertando as minhas mãos.

Beijo-a na fronte. Suspira,
Refreando qualquer coisa
Que me parece um apêgo
A' minha sensualidade.

«Amôr, amôr, vê lá bem,
Se tudo isto é verdade!»

Beijo-a na bôca. Respondo,
Beijando-a sôfregamente.
E o desejo continúa...
E o amôr é já ausente...

Há um silêncio. Anoitece.
Abraço-a, levo-a comigo!
E ela vai sem um protesto
Envolvida nas promessas
Que os nossos beijos disseram
Na mais rasgada expansão...

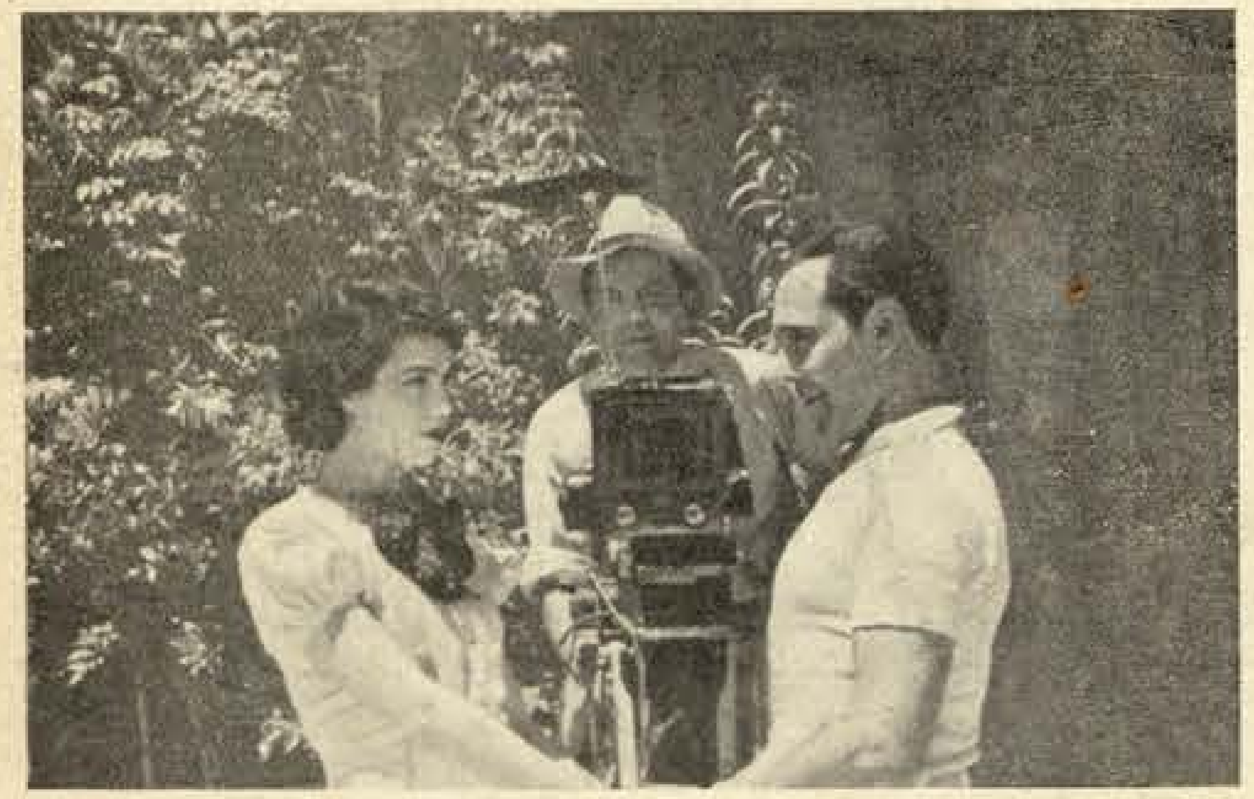
Já é noite. Numa esquina
Aperto-a mais ao meu corpo;

— Nela, pulsa o coração.

ANTÓNIO BOTTO

AS PRIMEIRAS VOLTAS DE MANIVÉLA DE „GADO BRAVO"







As fotografias que ilustram esta página provam-lhes a verdade da afirmação que fazemos no cabeçalho. Já se deram as primeiras voltas de manivela do «Gado Bravo», e a esta hora já até se lhe perdeu a conta.

Filmaram-se em Lisboa já imensas cenas. Gastaram-se já metros e metros de pelicula virgem. Agora trabalha-se activamente no Ribatejo. Mas, por hoje, é sôbre os trabalhos de Lisboa que vamos falar.

Como podem vêr pelas fotografias, o que se fez em Lisboa foi já muito. Filmou-se no Terreiro do Paço, na Avenida, no Rocio, na Rua Augusta, em Alcântara, em frente do «Suisso», em outros lugares, ainda.

Logo de manhãzinha o grupo dos técnicos e dos intérpretes deslocava-se para o ponto onde se tinha de trabalhar. Chegados lá, punha-se tudo a postos, ensaiava-se uma última vez a cena, Max Nossek e António Ribeiro escolhiam os enquadramentos. Gärtner apontava a objectiva, juntavam se curiosos, davam-se ordens febrilmente, começavam-se finalmente os trabalhos.

Muitas vezes as cenas tinham de repetir-se indefinidamente. O realizador e o supervisor são dificeis de contentar.

A-pesar-de tudo ter sido minuciosamente previsto e todos os pormenores terem sido cuidados com o máximo de atenção, à última hora apareciam sempre coisas arreliadoras, capazes de fazerem perder a paciencia a um santo. Numa cena representa um papel de destaque uma pulseira que Olly Gebauer traz num pulso. Essa pulseira deve prender-se num botão do casaco de Raul de Carvalho. Quando se tratou de ensaiar a cena, verificou-se que a pulseira não era suficientemente grande para ficar bamba, e portanto não havia possibilidade de se passar o que se pretendia. Imediatamente teve de se arranjar nova pulseira. Coisas com esta surgem sempre e não há possibilidade de se preverem.

Devemos referirmo-nos á forma por que o público se portou. Ninguém esperava tamanha correcção, semelhante boa vontade e tão grande compreensão das necessidades. Tantas e tantas vezes se escreve e diz que o nosso povo não é civilizado, que todos andamos convencidos disso.

Afinal é um engano. Provou-o sobejamente durante as filmagens do «Gado Bravo».

Com a maior docilidade e complacência todos obedeciam aos pedidos de Artur Duarte, o assistente geral.

Antes de acabar não resistimos à tentação de contar uma cena engraçadíssima em que Raul de Carvalho teve de perder o amor ao seu estômago para satisfazer as exigências dos directores do filme.

Tratava-se de representar uma cena no café «Nicola», cena essa que se resumia no seguinte:

Raul de Carvalho devia sentar-se a uma mesa, pedir um cálice de *cognac* e bebê-lo, mostrando grande nervosismo. De entrada pediu *cognac* mesmo.

Mas em breve constatou que tinha de parar com êle, pois que, a continuar, arriscava-se a ficar num estado tal de «etilzação» que o impossibilitaria certamente de prosseguir nos trabalhos. Deitou-se então chá na garrafa. Repetiu-se a cena mais umas vezes, e o chá a pouco e pouco passou também para o estômago do pobre Raul de Carvalho. Farto já de chá resolveu pedir groselh E teve ainda de beber mais uns decilitros desta bebida. Por fim, confessou tristemente, com agonias na voz, que estava com imensa azia.

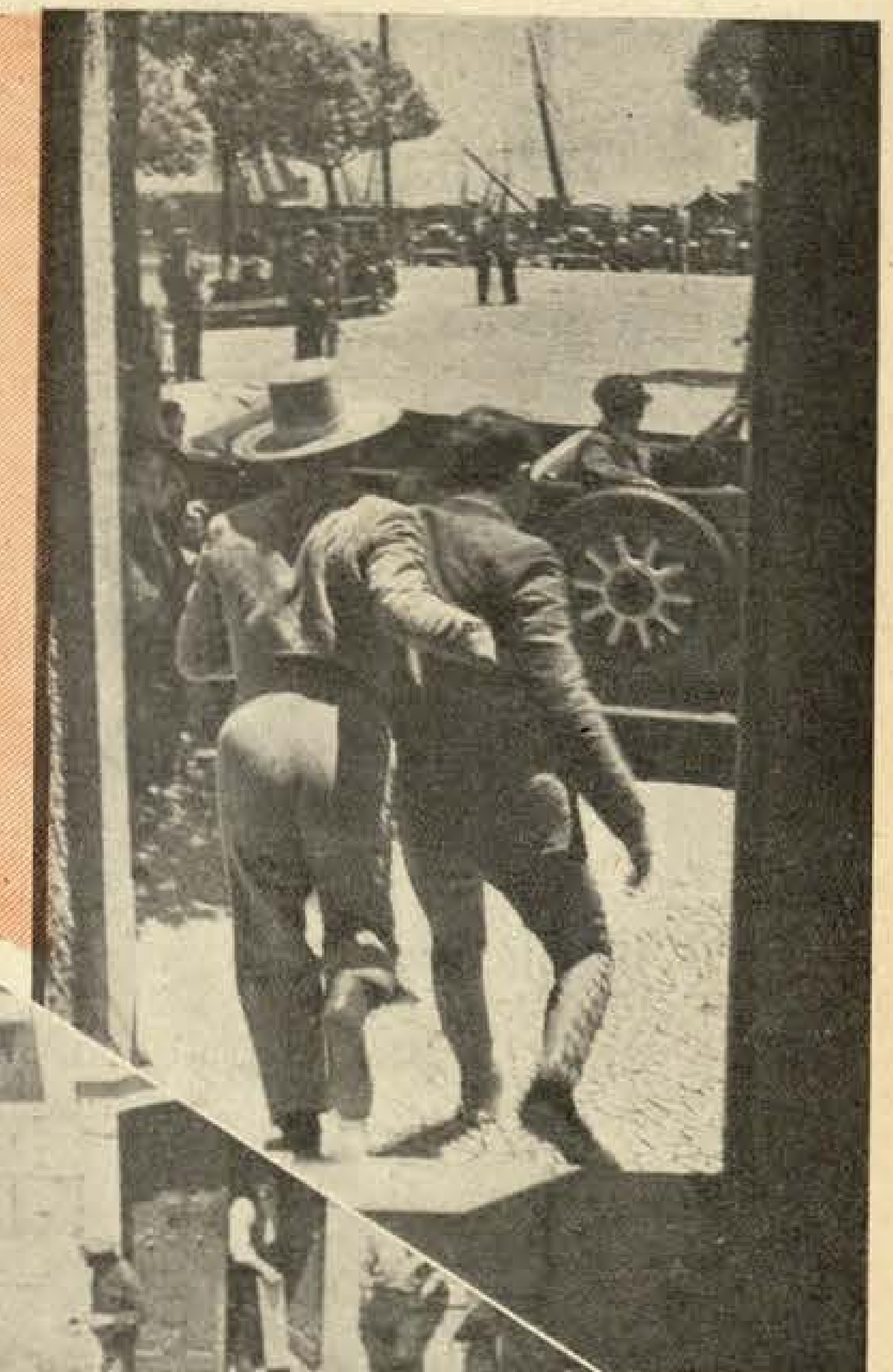
Todos acreditaram piamente.

Nem outra coisa era de esperar.

Que os pretendentes a astros meditem nesta pequena amostra.

Mais uma vez se prova que trabalhar no cinema não é dos oficios mais cómodos.

E, senão experimentem...













Actualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRÁFICAS DE TODA A PARTE

A MORTE DE FATTY

Fatty — Roscoe «Fatty» Arbuckle — cuja morte o telégrafo há dias noticiou lacónicamente, foi uma das figuras mais populares no cinema americano de há uns quinze anos, no tempo em que na Keystone ombreava galhardamente com a popularidade de Chaplin, membro também daquela famosa empreza produtora de comédias.

Fatty, como a grande maioria dos artistas de cinema da época, apareceu no teatro antes de se estrear no cinema. Nascido a 24 de Março de 1887 em Smith Center, uma cidadesinha do estado de Kanzas, Roscoe em 1902, aos quinze anos, fazia já parte duma companhia dramática, das muitas que em *tournée* pululavam pelos Estados da União.

Em 1913 encontramo-lo já fazendo parte da empreza de Mack Sennett, trabalhando ao lado da desventurada Mabel Normand, de Ford Sterling, Charles Murray, Mack Swain, Chester Conklyn, Edgar Kennedy Siddey e Charlie Chapline do próprio Mack Sennett que, então, a parecia também nas suas próprias comédias.

Quatro anos mais tarde ingressa na Keystone — na qual, e a seu lado, aparece pela primeira vez no cinema Buster Keaton, nela se conservando até ser dissolvida, três anos depois. Em 1917 entra para a Paramount da qual só sai em 1921 em conseqüência da guerra que lhe moveram as sociedades feministas americanas em virtude do tão falado assassinio da actriz Virgina Rape, injustamente atribuido a Fatty.

E o seu nome desaparece do mundo do cinema, até que em 1924 Buster Keaton, que sempre foi um seu amigo sincero e incansável, encarrega-o de o secundar na sua realisação das *Leis da Hospitalidade* e conseguindo depois, que a Metro lhe confie a direcção do filme de Marion Davies *Moinho Vermelho*.



Em 1928 vem a França, onde apareceu sem grande êxito num music-hall parisiense.

Roscoe Arbuckle que de 1931 a 1932 dirigiu sob o nome de Edward Goodwyn várias comédias para a Educational, tinha há pouco assinado um contrato com a Warner Brcs para interpretar comédias de curta metragem, tendo aparecido com grande êxito em *Hey! Pop*. e *Buzin Around*, nada fazendo prever agora o triste fim do comediante no quarto dum hotel modesto de New York.

Pobre e desventurado Fatty!

O MUNDO
daqui a cinquenta anos

A Paramount vai realisar um filme de antecipação cujo argumento é escrito por Rupert Hughes, o famoso novelista americano que tem tido já váriasdas suas obras adaptadas ao cinema. Intitular-se-há *Fifty Years from Now* (Daqui a cinquenta anos) passando-se a acção em 1983, e focará não só os efeitos dos progressos cientificos, como também as mudanças nos costumes que sofrerão os seres humanos por esssa altura...

O CINEMA
na Tchecoslovakia

Praga, a capital de Tchecoslovakia, que já conta com um estúdio sonóro, vai agora assistir à inauguração de um outro, que a Collegia Film Production Co., empresa que tem a dirigi-la o operador Otto Kanturek, que durante muito tempo trabalhou na U. F. A. Esta Sociedade conta produzir na próxima época oito filmes, e respéctivo versões em francês, inglês e alemão. A primeira a realizar terá por titulo *O Alegre Barão*, intitulando-se a segunda *Noites de Viena*.

Albert Prejean
aviador

Albert Prejean, o simpático intérprete de *Sob os Telhados de Paris*, *Noite de Rusga*, *Amorosa Aventura* etc. que é, segundo um recente «referendum», o artista que em França representa uma maior atracção de bilheteira, tendo terminado há pouco *Theodore et Cie* vai ser o protagonista de *L' Oiseau Blanc* segundo um argumento expressamente escrito pelo jornalista Henri Decoin, autor do «cenário» de *Noite de Rusga*.

Em *Pássaro Branco*, no qual Prejean viverá a figura dum aviador, terá êle por *partenaire* Blanche Montel — Mme Henri Decoin na intimidade.

Madge Bellamy
vedeta de séries

Madge Bellamy a simpática rapariga que vimos no tempo do silencioso em várias comédias da Fox, de quem chegou a ser, há-de haver uns seis anos, vedeta de primeira grandeza, quando há uns dois anos aquela empreza lhe não renovou o contrato deixou de aparecer no cinema, do qual se conservou inteiramente afastada cêrca de um ano. Agora porém, vai de novo fazer a sua volta a actividade dos estúdios. Foi a Universal que a contratou para ser a *leading-lady* de Buck Jones no filme em séries que aquela companhia está produzindo e que se intitula *Gordon of Ghost City* e no qual aparecerão também William Desmond e Francis Ford. Logo que êste filme esteja terminado, Madge Bellamy será a protagonista de *The Perils of Pauline*, nova versão do célebre filme de Pearl White que há muitos anos se exibiu entre nós sob o filme de *As aventuras de Paulina*.

Clive Brook
deixou a Paramount

O contrato que durante cinco anos ligara consecutivamente Clive Brook à Paramount, desde *Vidas Tenebrosas* seu primeiro filme para aquela empreza, até *Midnight Club*, a última pelicula recentemente terminada e em que êle teve Georges Raft, Helen Vrnson e Alison Skipworth por *partenaires* — acaba de expirar não tendo Clive Brook, ao que parece, querido aceitar a proposta da Paramount para permanecer de novo nos seus elencos.

Clive Brook preferiu antes ingressar na R. K.O. com quem assinou o contrato de três anos e para o qual o seu primeiro trabalho será *The Family Man*, cuja realisação será iniciada dentro de pouco tempo.

O SR. HARDY
requereu o divórcio

Oliver Hardy, o gorducho e impagável parceiro de Stan Laurel—cujo último filme, *Fra Diavolo*, tem obtido um grande êxito — acaba de seguir o exemplo conjugal do seu inseparável companheiro: procurou no divórcio a sua libertação. Hardy acaba de apresentar nos tribunais de Los Angeles uma acção de divórcio contra a sua ex-cara metade, Mrs. Myrtle Reeves,com quem estava de há muito casado.

Ignoram-se no entanto os motivos fortes que levaram o simpático comediante a proceder assim.

VILMA BANKY E ROD LA ROCQUE
voltam à América

Vilma Banky e seu marido, o actor Rod La Rocque, acabam de visitar Londres partindo dentro de poucos dias para Hollywood onde de novo irão aparecer no cinema depois duma ausência de mais de um ano passado na Europa.

Vilma Banky durante a sua permanência no Velho Continente foi a intérprete de *The Rebel* um filme da Universal alemã, cujo entrecho descreve um conflito dramático passado durante as guerras napoleónicas.

Por sua vez Rod La Rocque fez parte da expedição cinematográfica que na Groenlândia esteve realisando o filme de Universal *S. O. S. Iceberg*.

Os filmes musicados
voltam a estar em moda

A Warner Bros. em face do êxito alcançado pelas duas revistas ultimamente saidas dos seus estúdios, *42nd Street* e *Golddiggers of 1933*, vai iniciar a realisação dum outro filme do género intitulado *Wonder Bar* e que terá a interessante caracteristica de na sua distribuição tomarem parte vários artistas de categoria. Assim o seu elenco inclui os nomes de Al. Jolson, Adolphe Menjou, Ann Dvorak, Bette Davis, Barbara Stanwick e Ruby Keeler, mulher de Al. Jolson, a qual apareceu também naqueles dois outros filmes.

Flashes

Mae Murray acaba de intentar um processo de divórcio contra seu marido, o principe David Mdivani, com quem se casara há uns sete anos.

■ Joan Bennett deixou a Fox depois de ter pertencido ao seu elenco durante três anos.

■ O marido de Dorothea Wieck, a inesquecivel intérprete de *Raparigas de Uniforme*, Barão Enst von der Decken, director duma revista alemã de T. S. F, publicou recentemente um novela que obteve grande êxito.

■ Miriam Jordan, a interessante artista de Fox que vimos há pouco ao lado de Warner Baxter em *Seis Horas de Vida*, mudou o seu nome para Mimi Jordan.

■ Intitula-se *The Kennel Murder Mistery* o próximo filme de William Powell para a Warner Bros, no qual êle interpretará o papel do detective Phillo Vance, personagem que os romances de S. S. Van Dyne popularis-aram.

■ Sylvia Sidney vai ser a *leading-lady* de Maurice Chevalier no seu próximo filme para a Paramount *The Way of Love*, devendo na versão francesa ter como *partenaire* a Jaqueline Francell.

■ Erich von Stroheim Junior, filho do célebre realizador e actor, interpretará um dos papéis do novo filme de Cecil B. de Mille *This Day and Age*, da qual será primeira figura feminina uma estreante, Mary Colman.

■ *One Sunday Afternoon* é como se intitula o filme da Paramount em que está actuando Gary Cooper, o qual tem como colaboradores Fay Wray e Neil Hamilton.

■ Slim Summerville, o explêndido cómico que esta época vimos em tão boas comédias, é o protagonista de *Salt Water*, cuja distribuição inclui ainda os nomes de Zasu Pitts, Warren Hymer e Una Merkel.

■ Barry Norton interpretou ao lado de Bébe Daniels e Randolph Scott o filme da Columbia *Cocktail Hour*.

■ O produtor Richebé vai pessoalmente dirigir o filme *L'Agonie des Aigles* de que são intérpretes Pierre Renoir, Annie Ducaux, Gemier e Constant Remy.

CRITICA

O Testamento do Dr. Mabuse



(Das Testament des Dr. Mabuse)
de FRITZ LANG

Um filme de Fritz Lang é sempre um caso sério. Sabe-se de antemão que as suas obras são inevitávelmente originais e que nos hão-de impressionar com certeza. O seu nome é, de há muito, uma garantia. E no entanto, perante cada novo filme, encontramos sempre coisas que excedem a nossa espectativa e tornamos invariavelmente a sair da sua exibição subjugados pelo novo espectáculo, que é sempre um espectáculo novo.

E' que Fritz Lang imprime uma tal potencialidade de persuação a cada plano dos seus filmes, desprendem-se deles um tal vigor e uma tal autoridade, que a impressão de conjunto é infalivelmente esmagadora.

O Testamento do Dr. Mabuse é mais um argumento de ambiciosos horisontes devido a Thea von Harbou. Se o seu tema é, novamente, o domínio de um cérebro sôbre o mundo, o império dum homem sôbre os outros homens, não deixa por isso, antes pelo contrário, de ser inteiramente defensável o parecer de que quiseram com semelhante tema aludir — não d'go só a Lenine, como julga Almada Negreiros — mas, duma maneira geral, aos chefes revolucionários da nossa época, estes novos condutores de povos. Certa frase, que o dr. Baun afirma ter sido pronunciada por Mabuse quando a polícia o intimou a render-se, justifica e corrobora a opinião que defende a alusão política. Mabuse exclamou então: «A cidade sou eu!» O mesmo seria dizer: «O Estado sou eu!»

Técnicamente o filme é impecável. Desde a montagem, que consegue o *tour de force* de ligar sem esfôrço vários ramos de intriga, partes distintas de um todo que é a acção, até à forma porque cada plano foi cuidado, tudo está incrivelmente certo. A destacar o processo de ligação de cenas diferentes, por sons que se prolongam de uma na outra, e até por palavras. Há coisas no filme que merecem destaque especial, como *réussites* técnicas e espectaculares que são. Apontaremos a perseguição nocturna nos automóveis, o incêndio da fábrica, o ataque à casa de Gregoriew, a explosão no quarto inundado.

Discordamos das sobreimpressões espectrais, recurso fácil e já gasto.

Referir-nos-emos ainda ao trabalho do operador Fritz A. Wagner. António Lopes Ribeiro já poz em fóco o emprêgo das objectivas de grandes angulares, verdadeiramente acertado.

Não podemos deixar de aludir, para terminar, à interpretação extraordinária de todo o filme. Desde Otto Wernicke, cujo comissário Lohmann nunca mais se apagará da nossa memória, até à mais ínfima personagem, todos desempenharam as suas figuras por forma inexcedível. Merecem citação Karl Meixner pela maneira como «endoideceu» e Oskar Beregi que do Dr. Baum fez uma excelente criação.

(Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa).

Vidas Nocturnas

(Night World)
de HOBART HENLEY

No *Night Club*, *cabaret* numa cidade que tanto pode ser New-York como Chicago. O porteiro é um preto simpático, que conversa com o polícia da área.

Depois da meia noite começam a chegar os freguêses, recebidos pelo casal que dirige a *boite*: Boris Karloff e Dorothy Revier. Depressa percebemos que esta é amante de Russel Hupton, o ensaiador do corpo de baile. Depois toma-se conhecimento com alguns tipos caracteristicos da fauna que freqüenta habitualmente aquêles lugares. O mais interesssante é, sem dúvida, um rapaz, Lew Ayres, que se embebeda por princípio, sistemáticamente. Uma conversa de dois freguêses revela-nos a razão: a mãi matara o pai ao encontrá-lo com outra mulher. Essa mulher está ali também. Vai ter com o rapaz e pede-lhe para não odiar o pai porque, se houve alguem que teve culpa no que se passou, não foi o pai, foi a mãe, que com o seu horrível feitio amargurava a vida do marido. Além de tudo, as relações que entre ela e o pai existiram, foram de mera amizade. O rapaz fica inteirado.

Uma rapariga do corpo de baile acha-o simpático, vem ter com êle, ajuda a leva-lo para um gabinete, onde êle descansa. Pouco depois aparece a mãe. Ele repele-a.

Entretanto dois *gangsters* inimigos de Boris Karloff vêm comunicar-lhe um ultimatum de um bando adverso. Karloff sai, mas a mulher, na esperança de que êle por lá ficasse, tira as balas do seu revolver. Quando volta, no *cabaret* só está o corpo de baile descansando, num intervalo de ensaio, e numa mesa o par dos recem-apaixonados: Lew Ayres e Mae Clarke. Karloff procura o ensaiador. Vai dar com êle nos braços da mulher, e, depois de o socar, põe-o na rua. Dentro em pouco ficam no *club* só os dois pares: Karloff e a mulher e os dois enamorados que, isolados num canto, fazem projectos para o futuro.

Novamente aparecem os dois *gangsters*, mas desta vez para assassinarem Karloff, que obriga



a mulher a morrer com êle. Quando se iam a retirar reparam que o par de namorados tudo tinha visto e resolveu suprimi-lo, friamente. Ao prepararem-se para o fazer, um polícia que acorrera ao ruido dos tiros, abate-os a tempo, com fleuma e apropósito.

Eis a história que serviu para ilustrar êste documentário da vida nocturna. Pode-se dizer que é o ponto fraco do filme, por sêr pouco natural, visivelmente «trabalhado». Porque a realização é simplesmente esplêndida, eminentemente cinematográfica e inteligente.

Entre o espaço de tempo que dura a acção do filme e o espaço de tempo que dura a sua exibição há uma equivalência quási completa. Para que esta equivalência se evidenciasse houve que prolongar alguns diálogos, o que por vezes torna certas cenas um pouco lentas. Outras porém, são movimentadissimas, cheias do melhor ritmo cinematográfico.

Duma maneira geral, o filme interessa e prende. Pode-se mesmo dizer que é um filme completo: é uma bôa obra cinematográfica que possue seguras qualidades de espectáculo.

(Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa).

O Exilado

(The Squaw Man)
de CECIL B. DE MILLE

Este filme, sôbre o qual ninguem chamou a atenção, é um belo filme, quási um grande filme, e, seguramente, uma das melhores produções apresentadas esta época pela Metro.

Baseado num esplêndido assunto — uma história bela, vasta, cheia de qualidades de interêsse e emoção — interpretado por um grupo excelente de actores e dirigido com aquela segurança e *savoir faire* que distinguem Cecil B. de Mille, *O Exilado* é uma notável obra cinematográfica e constitui um magnífico espectáculo, capaz de agradar a todos os gôstos.

Para se narrar convenientemente o argumento seria preciso uma coluna. Limitamo-nos, por isso, a dizer que fóca um conflito interessante, excelentemento localisado e desenvolvido, ao mesmo tempo romanesco e humano. Achamos unicamente um pouco forçada a descoberta da criminosa ao fim daquêles sete anos, principalmente se atendermos ao meio. De resto êsse pormenor em nada influi no desfêcho da história.

Cecil B. de Mille mostra mais uma vez que, quando quere ou quando o deixam, sabe ser sóbio e discreto e que é capaz de tratar um assunto



com gôsto, emoção e aquela simplicidade de meios que é a melhor garantia duma obra sincera.

Todo o filme, especialmente desde que Warner Baxter parte para a América, foi superiormente orientado. E a sua construção é sempre

Actualidades

Quási que não aparecem. E as que aparecem, coitadas, são tão pobresinhas e tão vèlhinhas que só nos merecem veneração.

Vimos um jornal Éclair *imensamente despido de interêsse, e o jornal* Fox *n. 78 que tinha algum. Nêste destacaremos uma retrospectiva do dirigível «Akron», um vôo com a hélice parada do az alemão Udet e uma série de factos internacionais que serviu para nos mostrarem alguns homens políticos do primeiro plano. Estas «actualidades», se tivessem mais actualidade podiam mesmo considerar-se um programa bom.*

Desenhos animados

Semifusas à sôlta — *Music Lesson de M. Iwerns — Os desenhos de Iwerns vão, pouco a pouco, subindo de nivel. Este é excelentemente trabalhado e está cheio de bôa fantasia.*

Documentários portugueses

Um concurso . . . um filme . . . uma estrêla . . . *de António Lourenço — Um filme de amadores feito num momento de má inspiração. Evidentemente que não se pode exigir de amadores portugueses o mesmo que fazem os profissionais estrangeiros. Mas isso não pode servir de capa ao mau gôsto, à falta de imaginação e a outras insuficiências, principalmente no grau que êste filme revela.*

Passeio no Tejo — *Operador A. d'Oliveira — Um assunto bastante mal tratado e servido por uma má fotografia.*

Com um pouco de imaginação e mais conhecimentos técnicos o mesmo assunto podia dar — dava com certeza — um filme apresentável.

Viagens e culturais

Regatas no Colorado — Desert Regatta — *da M. G. M. — Interessante e bem filmado documentário. Admiramos também a ingenuidade dos seus autores que julgaram que provocariam o riso com um certo* intermezo *cómico de fazer bocejar o mais bem disposto.*

No País dos Toureiros — An Old Spanish Custom — *da M. G. M. — O país dos Toureiros é o México. E estamos em crêr, depois do que vimos, que pelo menos é um país* de *toureiros. Interessante, sob todos os aspectos, êste pequeno filme. Esplêndidas e oportunissímas utilizações do retardador.*

França Rural — *Do tapete mágigo da Fox-Movietone — Algumas coisas da Normandia e da Bretanha fotografadas primorosamente, por alguém que sabe o que faz. Um belo complemento.*

As Giboias Brasileiras — *Também da Fox — Um documentário incompleto, mas que apesar de tudo suscita bastante interêsse. No entanto podemos afirmar, embora desconheçamos o assunto, que muito melhor se poderia ter feito.*

D. M.

perfeita. Muitas cenas, merecem referência, mas não resistimos á tentação de citar a *chasse à courre*, a morte de Ch. Bickford, o atentado contra W. Baxter, a cena do fogão e a das brincadeiras do pequeno com os *cowboys*.

No desempenho entram Warner Baxter, Lupe Velez, Eleanor Boardman, Charles Bickford, Roland Young, o pequeno Dickie Moore, J. Farrell Macdonald, Raymond Hatton, Julia Faye e muitos outros.

Lupe Velez merece um bravo, mas todos se portaram á altura.

(Distribuido pela Metro Goldwin Mayer).

Tess no País dos Odios

(Tess of the Storm Country)
de ALFRED SANTELL

Desta mesma novela, em que as desventuras se sucedem, já há muitos anos tiraram um filme que Mary Pickford interpretou.

Novamente o assunto tentou os directores de produção da Fox e escolheram Janet Gaynor para a principal figura — uma rapariga que é um cúmulo de tôdas as boas qualidades, perseguida pela adversidade, coitadinha, mas da qual sai vencedora, alcançando no final uma bem merecida ventura. Duvidamos, no entanto, que dela continue gosando por muito tempo, porque o filme demonstrou à saciedade que a bondosa Tess é daquelas pessoas que atraem as desgraças, irremissivelmente.

O filme começa por lindas imagens duma linda escuna e por várias cenas aprasiveis em que Janet Gaynor e um macaco prodigioso rivalizam em graça e simpatia. Depois a acção localiza-se num pitoresco pôrto de pesca da Nova Inglaterra. E' aí que se desenrolam as peripécias desgraçadas da acção. Algumas cenas resultaram felizes, como a do desastre do *out-board* e a do segundo encontro entre Tess e Charles Farrell. Mas o conjunto não é dos mais agradáveis. O ambiente foi exageradamente marcado com nevoeiros e negrumes estarrecedores e a própria acção oprime em demasia.

Alguns cenários são ingénuos, duma ingenuídade que excede um pouco as marcas.

Janet Gaynor e Charles Farrell bem, como sempre. Mas não é com êste filme que os seus nomes aumentarão de fulgor.

Dos nomes dos outros intérpretes guardaram zelosamente segrêdo. O homem que fez de pai de Charles Farrell exagerou imenso o papel. Não é preciso fazer-se caretas daquelas para se mostrar que se tem mau génio.

A. Santell teve um trabalho desigual nêste filme. A primeira parte é excelente mas o final é bastante inferior. E' tão desconjuntado que chega a dar a impressão de que se procurou encurtar o filme, cortando-lhe cenas.

As legendas excedem tudo o que de pior se tem visto. E' caso para se chamar sôbre o assunto a atenção da Inspecção Geral dos Espectáculos.

(Distribuido pela Companhia Cinematográfica de Portugal).

Enfermeiras de Guerra

(War Nurse)
de EDGAR SELWYN

Geralmente os americanos, quando lhes dá para terem pretensões ao tratarem qualquer assunto mais complicado, falham estrondosamente porque encaram tudo pelo prisma mais arbitrário, mais ingénuo, mais convencional, mais fácil, em suma. Quando porém se limitam à simplicidade, sem se preocuparem com subjectivismos, conseguem fácilmente resultados apreciáveis.

War Nurse é um filme que merece uma referência amável porque tem humanidade e sinceridade, qualidades que se destacam principalmente pela despretensão que inspirou a sua feitura.

O assunto focado tem interêsse e merecia, de facto, atenção. Foi verdadeiramente curiosíssimo o papel desempenhado por essa legião de mulheres de tôdas as origens que, irmanadas sob o mesmo uniforme, souberam sacrificar-se pelos homens que combatiam, tratando-lhes as feridas e amparando-lhes o moral com as suas condescendências que um mais aparente que real, e sempre ocasional carinho não chega para justificar.

A anecdota escolhida para ilustrar o assunto tem as necessárias qualidades esquemáticas mas péca, por vezes, por demasiado sentimental. A realidade do ambiente e das figuras que á história mais interessam foi alcançada com êxito quási absoluto e pela maneira mais simples — que não é a mais fácil: empregando o processo, especìficamente americano, e que êles como ninguém sabem utilizar, das alternativas, chamemos-lhe assim. Nota cómica, sugestão realista, apontamento amoroso, nova observação picaresca, detalhe dramático, etc. Desde que êsses vários apontamentos sejam bêm escolhidos, objectivos e singelos, o efeito obtido é sempre feliz e sempre seguro. Nêste filme isso dá-se por forma completa.

Da humanidade das figuras já falamos, mas resta-nos dizer que para tal muito contribuiu a escolha dos intérpretes. *War Nurse* é um filme sem vedetas, embora no seu *cast* estejam Anita Page e Robert Montgomery. Tôdas as figuras foram tratadas com a mesma atenção, sem se ter cuidado dos artistas que os interpretavam. Assim é que está certo.

Além dos dois artistas apontados, entram no filme June Walker, Zazu Pitts, Marie Prevost, Hedda Hopper e Robert Ames. Todos cumpriram.

Para concluir: duma maneira geral o assunto foi bêm tratado, embora por vezes ganhasse com um pouco mais de imprevisto, de imaginação. Assim, por exemplo, quando no hospital de sangue se houve pedir « *Water! Water!* » não é preciso ser muito sagaz para se adivinhar que é Robin que diz aquelas palavras.

As legendas em «pretoguês».

(Distribuido pela Metro Goldwin Mayer).

A Noiva da Escócia

(Moderne Mitgift)
de E. W. EMO

Não se pode deixar de considerar com simpatia êste filme. Trata-se de um *vaudeville* bêm arquitectado, com espírito e originalidade.

A anecdota tem tôdas as qualidades requeridas para êste género. Situações cómicas que se sucedem naturalmente, num crescendo que nem sempre é dado verificar, acompanhando um conflito de amor, gracioso e agradável.

Foi indubitávelmente bêm aproveitado o desencontro de gôstos dos dois protagonistas. E a complicação do colar de pérolas foi também explorada com habilidade. Do mesmo modo, a personagem do tio escossês, valorizada grandemente pela figura extravagante de Leo Slezak, serviu, e bem, para provocar, durante tôdo o filme, a hilaridade do público.

Merecem destacar-se as vistas do mar e das paisagens, o «número» dos escocêses, e muitos planos de interiores, muito bêm iluminados e tratados com segurança e gôsto, como os da cabine do barco, os da casa de Helmbach quando Evelyne lá vai, a corrida de automóveis e o concêrto, etc.



E. W. Emo tem nêste filme o seu melhor trabalho. O filme está bêm construído, com pulso e seguro critério. Para tão honroso resultado muito contribuíram os seus colaboradores: o operador, o director musical e o decorador. Só nos deram a conhecer o nome do segundo.

Foi Hans May, especialista em assuntos musicais que está em Portugal como assistente técnico do Bloco H. da Costa. E' êle que vai superintender na parte musical do *Gado Bravo*.

A Noiva da Escócia, deve também grande parte do seu merecido êxito aos seus intérpretes. Martha Eggerth, bonita, distinta, muito bem vestida, cantando e representando a preceito. O seu *leading-man* foi desta vez Hans Brausewetter, aquêle rapaz alegre e simples que se destacou ao lado de Kate de Nagy no filme que a revelou: *Os fugitivos*, de Joë May. O excelente Georg Alexander e Leo Slezak completam o grupo do primeiro plano.

Em papéis secundários Trude Berliner, que também vimos na *Audiência Imperial* e o conhecido Theo Lingen, que personifica em todos os filmes alemães o homem «amaneirado» e precioso.

(Distribuido pela Sonoro Filme).

O Valoroso Cavaleiro

(The fourth Horseman)
de HAMILTON MAC FADDEN

Eis um filme de *cowboys*, que é um excelente filme, *tout court*. Para nós um *filme* de *cowboys*, desde que seja bem feito, merece tanta consideração como qualquer outro filme de acção. E se restringimos o nosso apreço aos filmes de acção, é porque não podemos deixar de reservar um lugar mais alto para um *Raparigas de Uniforme* ou para um *14 de julho*, por exemplo.

De facto *O Valoroso Cavaleiro* é um filme excelente. O argumento tem uma certa novidade, os intérpretes são perfeitos e a realização é primorosa, cheia de movimento, de propriedade e de vigor.

De entre as cenas que melhor resultaram, devem destacar-se a invasão da aldeia pela manada de cavalos, aquela em que a parelha do carro da rapariga toma o freio nos dentes, a cena de pancadaria entre Tom Martim e «o honrado Ben», e a final, do ataque ao cabaret pelos colonos, episódio que lembra a cena equivalente da *Fera da Cidade* (dir-se-ia que foi nela inspirado), e que tem, como a outra apontada, vigor e grandeza.

Tom Mix foi o esplêndido cavaleiro e o correto actor de sempre. Margaret Lindsay fez a rapariga e Fred Kohler — o inesquecível florista das *Vidas Tenebrosas* — foi o vilão antipático. Raymond Hatton, que foi tantas vezes o ótimo parceiro de Wallace Beery nas excelentes farsas dêste último, também aparece nêste filme. *(Distribuido pela Agência Cinematográfica H. da Costa.*

DOMINGOS MASCARENHAS

TRAVELLING

Oscar Wilde visto por Marcel L'Herbier

Marcel L'Herbier o celebre autor da «Desumana» um filme que mesmo entre nós provocou grande discussão pelo seu caracter vanguardista, do «Eldorado» esse famoso filme que quasi passou despercebido na tela de Olimpia, do «D. Juan» e o Fausto ainda inedito em Portugal e de tantos outros filmes de exito, mas que desde o «Argent» tem decaido a olhos vistos, vai finalmente poder realizar um dos seus sonhos mais queridos: levar para o ecran o celebre romance de Oscar Wiide «O Retrato de Derian Grey».

Marcel L'Herbier, quasi nosso conhecido por intermedio de Antonio Botto que chegou a ser convidado para desempenhar o papel que Catelain fez Desumana e o primeiro papel de o Retrato de Dorian Grey, è um dos cinéastas franceses que apareceu com melhores qualidades.

Infelizmente para o cinema francês Marcel L'Herbier que propositamente enveredou por o escorregadio declive de um estetismo fóra da naturesa tem decaido incessantemente,

Os seus filmes rebuscados e pretenciosos perdem constantemente o interesse que souberam manter a principio.

Oscar Wilde o hedonista fatigado das Intenções e do Crime de Lord Artur Savil e o imoralista por atitude espirito e posição moral não podia deixar de ser pelas suas aquidades de espirito com Marcel L'Herbier o autor escolhido pelo realizador da Desumana.

Recêamos bastante que Marcel L'Herbier fique muito abaixo do seu modelo. O Retrato de Dorian Grey é uma obra admiravel que pela sua altitude exige os recursos de um realizador notavel.

Passar uma obra de arte a cinema é função de um meticuloso cuidado e uma sábia adaptação ao espirito do autor. Por êste lado confiamos em Marcel L'Herbier, mas não nos atrevemos a contar com êle no que toca ás outras qualidades exigidas.

ALBERTO DE ALMEIDA



TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* : :

Correio dos Cinéfilos

UM DE COIMBRA. Coimbra — Para Beatriz Costa enderece para o Teatro Avenida — A Mona Maris artista argentina, escreva para 616 Taft Building, Hollywood Calif.— A. L. R. agradece-lhe o seu abraço.

FRANCO EINSTEIN, Lisboa — Agradeço-lhe e retribuo os seus cumprimentos. — Para Polymar enderece para a Av. da Liberdade, 141-I. Faço na secção respectiva a seu pedido.

GUSTAV. Foz do Douro — Anita Page já não pertence à Metro Goldwyn. Está presentemente trabalhando para a Columbia para quem terminou há pouco o filme *Soldiers of The Storm*. Escreva-lhe pois para Columbia Studio 1438, Gower Street, Hollywood Calif. — Para nós é sem dúvida Cesar de Sá — Ignoro se essas pequenas mandam retratos. Tomaram elas dinheiro para outras despesas inerentes à sua nova profissão, digamos . . . No entanto, experimente, se tem muito empenho. — Na verdade «O Testamento do Dr. Mabuse» que os amigos ai do Norte tiveram a primasia é uma obra admirável que ninguém que goste de cinema deve deixar de vêr . . . e de aplaudir. E' um filme vigoroso e impecável de equlibrio. Até à próxima.

MARSORI. Lisboa — Tenho muita pena mas não lhe posso dar a minha opinião sôbre êsse filme-brincadeira. No entanto, a acreditar pelo que me disseram camaradas meus de alguns jornais diários, a *obra* deixa muito a desejar, Um deles, dum jornal da tarde, talvez exageradamente, indignou-se mesmo pela empresa dum grande cinema ter consentido em exibi-lo na sua tela. E é tudo — bem pouco aliás.,. — o que lhe posso dizer sôbre o assunto. — Acho que não deve perder a oportunidade de se inscrever no *casting* do Bloco H. da Costa. — Sempre ao seu dispôr para o que lhe interessar.

O PRINCIPE NEGRO. Lisboa — Rose Barsony não interpretava essa figura em *Minha mulher não quere filhos*. — Aquele jóvem companheiro de viagem de Janet que cantava *Delicious* e o interprete de *O Ultimo Homem sôbre a Terra* são uma e a mesma pessoa: Raoul Roulien, um actor de teatro brasileiro que a Fox contratou. — Tem razão no que diz sôbre êsses factos, Vamos tentar pô-los na ordem. — O facto do nome de Douglas não estar em vedeta é simplesmente por capricho do ilustre pintor dêsse cinema. Não tem importância alguma. Deve-se guiar sempre pelos cartazes americanos; nesses é que não há engano.

ANNABELISSIMA. — Lisboa — Agradeço-lhe as suas gentilezas, linda Annabela. Evidentemente que com todos êsses predicados, juventude e beleza, poderia muito bem fazer cinema. Se gostava tanto disso, porque se não inscreve no *casting* de «Animatógrafo»? Quem sabe se não veria as suas aspirações realizadas. — «Gado Bravo» deve ser estreado no inicio da próxima época. — Faço o seu pedido no lugar respectivo. — E agora, até breve, encantadora Anabelissima.

HENRI GARAT DISFARÇADO A sua carta para *Silvya Sidney disfarçada* seguiu logo que aquela me deu a morada. Tenho ainda em meu poder a de Lilian, por ignorância de endereço. Logo que o saiba envia-la-ei. — Para Lilian Harvey enderece para os Fox Studios. 1401 Noth. Western Ave., Hollywood, Calif. — A Annabella para: 19, rue de Chanzy, La Varenne-Saint Hilairi, França. Agradeço-lhe a explicação do mistério da máquina... Nada mais simples, afinal!

TRIPEIRINHA. Pôrto — Pelo que me tem escrito, parece-me essa pessoa que indica é um rapaz inteligente e duma extrema correcção. E' a impressão que me ficou. Por isso a felicito por ter acertado tão bem. — O *outro* não deu sinal de si. — Retifiquei a sua morada. Pode ficar absolutamente tranquila que não divulgarei nem o seu nome nem a sua morada. E' um caso de segredo profissional... — E agora não tem, parece-me, razão de queixa do atrazo, não é assim? — A carta seguiu já o seu destino. — Até breve, simpatica Tripeirinha.

O PRINCIPE DO ORIENTE. Lisboa — Pela nossa parte parece-me que tem que se resignar a isso, por que *Venus de Costa do Sol* me pediu para em caso algum revelar o seu verdadeiro nome e morada. — Naturalmente; é indispensável revalidar a assinatura — Certamente que se estabelecera essa recompensa para os que não possam utilisar-se dele.

UMA INCOMPREENSIVEL QUE SABE COMPREENDER. Felicito-a pela sua resolução, que podia ter sido tomada quando da primeira carta que escreveu... Se era esse que me diz o receio que tinha, sómente lamento que pensasse assim de nós... — Para Silvia Sidney e Carole Lombard escreva para os Paramount Studios, 5341 Marathon Street, Hollywood, Calif. A Henri Garat para os Fox Studios 1401 N. Western Ave. Hollywood Calif. — Escreva em inglês as duas primeiras e em francês a Henry Garat. — Ponho em dúvida que Cottinelli lhe mande retrato. Experimente, no entanto. — Tenha confiança; volte a escrever-me sempre que quiser. Responder-lhe-ei com prazer.

VIOLETA. A DOS OLHOS NEGROS. Lisboa — Na devida altura enviei as suas duas cartas aos respectivos destinatários que já de há muito devem estar de posse delas. — Como sabe bem que nunca me importunam as suas noticias, volte a escrever-me sempre que lhe apouver, simpática Violeta.

DR. CELULOSE Pôrto — Sim, senhor; é realmente por meio das teleobjectivas que se conseguem obter êsses primeiros planos, não só no filme que fala como em muitos outros. — E' um sistema de lentes especiais que têm a propriedade de obter grandes planos a enormes distâncias, como o seu nome indica. — Para lhe dizer com franqueza não tenho nitida predilecção quer por uns quer outros dêsses filmes; desde que sejam muito bons interessam-me tanto os americanos como os europeus. Têm caracteristicas tão diferentes que se vêem ambos sempre com real satisfação. — Agradeço-lhe o desenho que teve a amabilidade de me oferecer.

LERIAS. Lisboa — Podes ficar tranquilo que não há sarilho nenhum por isso; eu sou da tua força, acho piada o tratar-te assim. Podes portanto continuar, que não há perigo... Lerias amigo. — Também tu me vens com essa do quebra-cabeças? Oh, filho; tem juizo; isso é bom para os jornalinhos provincianos. Ha mais em que pensar. — Tão *pronto e sabiamente* como tu dises te respondo que o primeiro filme exibido no Tivoli foi «Violetas Imperiais, com Raquel Meller. Transmito os teus desejos de correspondência na Posta Restante.

DUQUE DE NEUBABELSBERG. Pôrto — Podes crêr que sinto imenso o teu desgosto por êsse precalço amoroso. Não duvido das comodidades que tu e o teu solar lhe oferecíam; mas de nada te posso valer visto o acontecimento estar consumado. Tem paciência e procura. Com todas as vantagens que me referes verás que não deves ter dificuldade em encontrar essa tua cara metade. Não desanimes, pois. — Com que então colocaste esses *finos* atributos à Lilian? Pobre rapariga; como ela vai ficar triste quando o souber. Verdade seja que a Martha Eggerth está um amorsinho cada vez mais adorável. Pelo que me dizes, gostaste imenso de «Diplomata para senhoras». O filme é, na verdade, interessante e a Marthasinha está um encanto. Por isso não te censuro a forma como procedeste para com a Lilian . . . — E manda sempre, Duque amigo.

UM PECADOR. Lisboa — Já que assim o queres passar-te-hei a tratar por tu. Não quero que por isso fiques contrariado.— Se quiseres, podes dizer me o tempo que os artistas a quem pediste retratos levaram a mandar-tos. Eu depois comunicarei isso aos interessados. — Sim; se lha pedires, Nita Brandão envia-te a fotografia. E' uma rapariga muito gentil e por isso estou certo que não deixará de te mandar o retrato. Endereça para a Agencia Cinematográfica H. da Costa, que lhe fará chegar às mãos a tua carta. — Na Posta Restante faço o que me pedes.

FERNANDO M. GAMEIRO. Alpiarça. As direcções que com tanto interesse me pede são as seguintes: Joan Crawford e Phillips Holmes — Metro Goldwyn Mayer Studios. Culver City Calif. (U S A); Anita Page — Columbia Pictures Studios, 1438 Gower Street, Hollywood Calif (U S A). — Os artistas americanos costumam, regra geral, mandar sempre fotografias. — Volte a escrever quando precisar de qualquer informação.

HEROIS DO AR. Leiria — Para Marie Glory enderece para *37*, rue de Pergolêse, Paris.
De todas as que indica, melhores devem ser as pertencentes a Joan Crawford. No entanto, pelo que me foi possivel analisar, as de Olly Gebauer não lhe ficam atraz. Tenho até uma fotografia delas que é um verdadeiro mimo de anatomia. — Beatriz Costa não desempenha papel nenhum em «Gado Bravo», pois não pertence ao elenco do Bloco H. da Costa. — A minha «bela esposa» — como é que o senhor soube isso? — agradece-lhe e retribui os suas recomendações; e eu, amigo heroi, estou sempre ao seu dispôr. — Fiquei encantado com o avião. E' um desenho de artista...

DOUGLAS FAZ BANCOS. Pôrto — Pelo que me diz na sua carta ficou entusismado pela nova iniciativa de «Animatógrafo» — o *Casting Bureau*. Por certo não deixou de concorrer a êle, interessado como o nosso amigo mostra ser pelo cinema. — A ideia que me dá das «atribulações» não devia deixar de ter a sua graça e pitoresco sendo o assunto bem aproveitado. Os ambientes de que me fala são os mais propicios a cênas humoristicas. — Esse filme de Al. Jolson, que no original se intula *Hallelujah Im'a Bum*, só é estreado para a próxima época. Na secção respectivo publico o seu pedido. — E muito obrigado pelo seu oferecimento.

L. NEGRÃO. Lisboa — Se não teve resposta foi unicamente porque não recebi a sua carta. A fotografia da capa n.º 4 era de Jean Harlow; a do outro é de facto a que menciona. Na devida oportunidade publicaremos um retrato de Pola Negri; fique descansado. — E pode crêr que nunca nos maça.

DR. CELULOIDE

Posta Restante

LERIAS, nosso leitor alfacinha, deseja corresponder-se com *Venus da Costa do Sol* e *Tripeirinha* sôbre assuntos que digam respeito a cinema, teatro ou poesia.

CONDE DE MONTORCILIO, de Faro, pede-nos para transmitir às inressadas que se deseja corresponder com leitoras portuenses da nossa revista e que tenham justamente 18 anos. Mais nos pede para informar os nossos leitores que vende uma colecção de fotografias 18x24—cêrca de 300 — pela maior oferta. Escrever por intermédio do Dr. Celuloide.

UM PECADOR, leitor de «Animatógrafo» residindo em Lisboa, oferece três fotografias uma de Clive Brook, outra de Henry Garat outra ainda de Maurice Chevalier — à leitora que lhe enviar a mais bonita carta sôbre o amor.

HEROIS DO AR, interessa se corresponder por intermédio do Dr. Celuloide com leitoras de «Animatógrafo».

DOUGLAS FAZ BANCOS desejaria corresponder-se com Lidia Walcamp.

DR. MABUSE, leitor de Lamego, deseja corresponder-se sôbre cinema desportos etc. com leitoras de «Animatógrafo» especialmente com *Didi a Fada dos Bosques*.

FRANCO EINSTEIN, de Lisboa, interessa-se corresponder com leitoras da nossa revista.

GRETA GARBO FALOU

(Conclusão da página 7)

Quando a multidão a reconheceu voltou imediatamente para bordo.

Quando o «Annie Johnson» deixou Gottenburg, na Suécia, sómente alguns amigos íntimos a acompanharam ao cais.

Os passageiros que embarcaram em Antuerpia não conseguiram vê-la senão depois da passagem do Canal da Mancha e quando já em pleno Atlântico, o barco sofria menos balanço. Então Greta Garbo começou a sair com mais freqüência do seu camarote, acamaradando com Mrs. Elisabeth Steen e seu filho Ture e brincando animadamente com Norris Varonian, um petiz de nove anos; lia também com muito interêsse, livros, jornais e revistas suécos; e também uma obra de Michael Arlen «Mayfair», um livro sôbre o Budismo, uma novela sôbre a vida de Genny Luid, a famosa cantora suéca do século XVIII e outro mais.

Greta é uma defensora acérrima dos fatos curtos. O seu trajo compunha-se de uma saia curta, um «sweater» e dum boné de pala. Quando o tempo piorava, Greta aparecia no convez com um impermiável e de calças.

O facto de Greta Garbo usar calças é significativo e desmente os que diziam que ela está sempre empenhada em mostrar as pernas.

Um detalhe interessante:

Greta Garbo não despresa o sol e fartou-se de tomar banhos de sol, no deck mais alto.

Greta recusou sistemàticamente conceder uma entrevista a um jornalista do Panamá que a perseguiu incessantemente durante toda a travessia do Canal, de tal fórma, que nenhum jornal do Panamá ficou sabendo nada de Greta Garbo

«E' verdade ter intenção de tornar-se cidadã americana?», preguntaram os jornalistas a Greta Garbo, assim que entraram no barco. Talvez sim e talvez não. Posso ainda mudar de ideia...

Assim que o navio atracou apareceram imediatamente G. W. Olson, consul da Suécia em Los Angeles, G. Ec Kdahl, director da emprêsa proprietária do «Annie Johnson», H. E. Holbrook e Mrs. Holbrook, representantes locais da companhia e os reporteres e os fotógrafos encarregados de fazer a reportagem escrita e fotográfica do acontecimento.

Agora o mistério de Greta Garbo está enfim aclarado. Greta Garbo é uma pessôa normal, encantadora e afável a-pesar de tudo. A viagem terminou. E agora que o gêlo está quebrado, Greta Garbo e os reporteres vão ser amigos para sempre.

DRUCE STONE

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 14
Lisboa, 10 de Julho de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS
Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 – Impressão: – Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa – Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. TELEF. 2 1276 Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO
ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)
ÈSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA Preço 1$50



ALVARO PEREIRA, O PASCOAL DE «GADO BRAVO»

Alvaro Pereira que é hoje sem dúvida um dos melhores nomes do nosso Teatro, comediante possuidor duma inconfundível personalidade, é também um apaixonado pelo cinema. Está agora, colaborando em «Gado Bravo», onde interpretará a pitoresca figura de Pascoal—um antigo forcado. Alvaro Pereira vai, decerto, tornar essa personagem numa autêntica criação, estamos disso absolutamente convencidos. Nem outra coisa seria de esperar do seu belo talento.

Na capa: OLLY GEBAUER



MURIEL EVANS CONVIDA-NOS QUASI CÍNICAMENTE AOS PRAZERES ESTIVAIS DA CALIFÓRNIA, GOSANDO O SOL NUM CANTINHO DE MALIB
PRAIA PRIVATIVA DAS VEDETAS DE HOLLYWOOD. QUEM NOS DERA PODER IR A MALIBU FAZER UMA VISITINHA Á GRACIOSA E FRESCA MURI